



## A paixão como motor da guerra - a revolução dos comuneros (Assunção/Paraguai, primeira metade século XVIII).

Luís Alexandre Cerveira \*

**Resumo:** Nas Cartas ânuas da Província Jesuítica do Paraguai, que são relatos das intenções e práticas jesuíticas na região do Prata, o conceito de paixão ocupa – de forma bastante significativa – as atenções dos padres da Companhia de Jesus, fazendo-se presente de forma recorrente. Nosso objetivo é, a partir do conceito de paixão dos jesuítas, compreender o lugar destinado a ela, sobretudo do ódio, em um levante popular conhecido como “Revolução dos *Comuneros*”, ocorrido na cidade de Assunção na primeira metade do século XVIII, e que objetivava a manutenção de uma prática medieval conhecida como “*direito del comun*”. A análise que empreendemos da documentação jesuítica revelou a construção de um discurso que atribuía as paixões – como desencadeadoras de excessos e descontrole – o desregramento dos comportamentos e da moral, e por conseqüência, a eclosão do conflito.

**Palavras-chave:** Revolução dos Comuneros. Paixão. Política.

**Abstract:** In ânuas Letters of the Jesuit Province of Paraguay, which are reports of Jesuit intentions and practices in the Plata region, takes the concept of passion - quite significantly - the attention of the priests of the Society of Jesus, by making a recurring gift. Our goal is, from the concept of passion of the Jesuits, to understand the place destined for her, especially the hate in a popular uprising known as the "Revolution of *Comuneros*", held in Asunción in the first half of the eighteenth century, and that aimed at maintaining a medieval practice known as "*derecho del Comun*." The analysis undertaken of the documentation revealed the Jesuit construction of a speech that blamed the passions - as triggers of overeating and lack of control - the profligacy of behavior and morality, and consequently, the outbreak of the conflict.

**Keywords:** *Comuneros* Revolution. Politics. Passions.

---

\* Luís Alexandre Cerveira, UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos.), Mestre e Doutorando pela UNISINOS -. Bolsista CAPES, Email: [alexandreceveira@hotmail.com](mailto:alexandreceveira@hotmail.com).



*“un tiempo en la cuál solo triunfó la insolencia,  
tiranía, pasión y venganza.”*

C. A. 1735-1743

Este artigo é parte de um esforço que temos empreendido no sentido de, através de novas abordagens teóricas, procurar compreender as relações políticas e de conflito de uma forma mais complexa, considerando outras variantes que não aquelas da História Política tradicional. O que proponho, portanto, é pensar o lugar e as influências da paixão na política. Sendo assim, nos parece possível estabelecer uma antinomia entre paixão e razão. Digo isso por pensar que, tradicionalmente – especialmente a partir de Maquiavel e de uma proposta moderna de fazer política – as estratégias, cálculos precisos calcados na razão, deveriam ser a principal ferramenta do “bem governar”.

A paixão<sup>1</sup>, entretanto, é o fio condutor, pois é ela que norteia as questões postas, as análises e as hipóteses que se tratou nesse artigo. Ainda que a ênfase proposta não se limite a um espaço físico específico, não desconheço o fato de que a política foi praticada na cidade e no campo, entretanto, aqui se constituem em pano de fundo para o desvendamento das ligações que se estabeleceram entre paixão e política, entre o sentir e o fazer das ações políticas de um conturbado momento político da cidade de Assunção, quando esta era governada por um grupo rebelde identificado como “Comunero”<sup>2</sup>. O Padre jesuíta se referiu a esse momento em uma Carta Anua<sup>3</sup> como “*un tiempo en la cuál solo triunfó la insolencia, tiranía, pasión y venganza*”<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> A posição que assumo neste estudo é de utilizar o conceito de paixão vivido e instrumentalizado pelos jesuítas em terras americanas admitindo que este é complexo e por vezes contraditório. Ainda que admita que em determinados casos a paixão era percebida pelos inacianos como força motora, passível de ser (re) direcionada como proposto nos escritos aristotélicos ou nos escritos Conimbricenses. Acredito que não há como compreender as ações realizadas pela Companhia de Jesus, no território platino, sem considerar que os missionários perceberam as paixões como pecado e como geradoras de pecado preferencialmente. Sobre o conceito de Paixão para a Companhia de Jesus ver CERVEIRA, Luis Alexandre. *Paixões, transgressões e tragédias : as missões populares urbanas e campestres (Província Jesuítica do Paraguai, primeira metade do século XVIII)*. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/ São Leopoldo/RS. 2008

<sup>2</sup> Según Rafael Eladio Velásquez, se conoce como movimiento comunero la sucesión de enfrentamientos entre conquistadores, primero y del vecindario con las autoridades coloniales, después, que se desarrollaron en el Paraguay entre 1544 y 1735. Ver Velásquez (1993)”. (AVELLANEDA, 2007, p.146).

<sup>3</sup> Importante dizer que “as *“Litterae Anuae”* são a correspondência periódica que os Padres Provinciais enviavam ao Padre Geral da Companhia de Jesus. Elas têm sua base nos relatórios anuais que o Provincial recebia dos superiores das Residências, Colégios, Universidades e Missões junto aos índios. Continham uma detalhada informação sobre as casas, suas obras, pessoas e atividades.. (FLECK., 1999, p.11)



Tempo esse de tirania, ódio, vingança, ira, excessos, choro, desrespeito, humilhações, sofrimento, fome e tragédias que foram, na visão desse jesuíta, a marca deste governo orientado pelo triunfo de *la pasión*. O certo, é que na documentação jesuítica que trata da chamada “*Revolución de los Comuneros*” – as Cartas Ânuaas que compreendem os anos de 1720-1730, 1730-1735 e 1735-1743 – a paixão, em alguns dos sentidos acima referidos, esteve presente de forma bastante significativa. O período propriamente dito do conflito, em que ocorreram as ações violentas, se dá entre os anos de 1724 e 1735, iniciando-se com a primeira expulsão dos Jesuítas do Colégio e da cidade de Assunção<sup>5</sup>. O conflito, entretanto, havia se iniciado três anos antes, quando os moradores de Assunção fizeram denúncias contra o Governador Reyes Balmaceda, aliado político dos Jesuítas.

Penso que para analisarmos os fatos que ocorreram a partir daí, pode-se muito bem recorrer, mais uma vez, às metáforas, principalmente para compreendermos como os jesuítas os perceberam. Na documentação jesuítica se sobressaem as apreciações de que a revolta resultou da paixão e que provocou uma verdadeira tragédia. Ora, pode-se pensar a Revolução dos *Comuneros* como trágica em dois sentidos. O primeiro é o sentido clássico que remete ao teatral e pedagógico e o segundo sentido é aquele que, desprovido de qualquer conotação simbólica, remete para os efeitos de uma tragédia real – morte, fome e epidemias – provocados pelo conflito entre os *comuneros* e as tropas leais ao Governador – basicamente formadas por índios Guarani das reduções jesuíticas. Esses dois sentidos, entretanto, não podem ser pensados como separados ou excludentes entre si.

O primeiro momento do conflito se iniciou com as denúncias feitas contra o Governador Reyes Balmaceda<sup>6</sup>, em 1721, quando este foi deposto sob alegação de má administração e de uso do cargo em benefício próprio, mas teve sua faceta mais violenta com a primeira expulsão dos

---

<sup>4</sup> *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay (C.A)*. Anõs 1735-1743. Tradución de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, 1928. Tradução Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 1994, p. 323. IMPORTANTE.1: Quando me referir a citações de Cartas Ânuaas no copo do texto utilizarei a abreviatura C.A e o ano. IMPORTANTE.2 Optamos por manter a escrita conforme as fontes, ou seja, há diferenças entre o espanhol da documentação e a língua atual.

<sup>5</sup> Conforme Avellaneda “Desde 1724 asta 1735, tuvieron lugar varios episodios de violencia conocidos como “La Revolución de Los Comuneros.” (AVELLANEDA, 2007, p.146). A documentação jesuítica corrobora a data, descrevendo detalhadamente a primeira expulsão do Colégio de Assunção. (C.A., 1720-1730, p.57,58).

<sup>6</sup> Reyes Balmaceda era o governador de Assunção quando eclodiu o levante *comunero*, em 1721. Deposto, Balmaceda não foi preso porque foi acolhido pelos jesuítas em suas missões.



jesuítas de Assunção, durante o governo de Antequera<sup>7</sup>. Teve continuidade com a mal fadada tentativa de tomar a cidade com o auxílio de milícias indígenas a serviço do Vice-Rei e só acabaria com a intervenção do Governador de Buenos Aires, que entraria pessoalmente na cidade de Assunção em 1725, para restabelecer a ordem.

O segundo momento se deu nos tribunais, durante o Governo de Martín de Barúa<sup>8</sup>, e consistiu na tentativa dos moradores de Assunção, de, através do seu *cabildo* secular, retomar o poder político na Cidade. Ainda aqui, os inacianos foram reconduzidos a Assunção por determinação do Vice-rei.

O terceiro ato, por sua vez, teve como atores principais, Mompox<sup>9</sup>, companheiro de Antequera - punido com a morte por liderar a primeira insurreição, o que parece ter animado os *asuncenos* a defender os ideais de “*la doctrina del Común*” (AVELLANEDA, 2007, p.147)- e as milícias rurais que tomaram o poder em Assunção. Este novo embate acarretou uma nova expulsão dos jesuítas do Colégio de Assunção e a iminência de um novo confronto entre as forças revolucionárias e os soldados espanhóis leais à Coroa. Novamente, foi necessária a intervenção direta do governador de Buenos Aires para que, pelo menos temporariamente, a “ordem” fosse restabelecida.

A proposta de análise dos relatos que os jesuítas fizeram sobre a Revolução dos *Comuneros* – considerando o primeiro sentido dado à tragédia – se reveste, antes de tudo, da tentativa de desvendar o imaginário jesuítico. A tragédia clássica de que me apropriei para alcançar este objetivo é a *Antígona* de Sófocles. A questão central, de acordo com a interpretação hegeliana, e que serviu de enredo para a tragédia, era a questão posta entre direito natural, baseado na tradição e nas crenças, e direito positivo, ou do Estado de direito.

No caso da Revolução dos *Comuneros*, o enredo da tragédia fica evidente nas cartas: está dividido em três atos, e tem como pano de fundo uma discussão de ordem jurídica que, de certa

---

<sup>7</sup> O juiz José de Antequera foi mandado para Assunção pela Audiência de Charcas com o objetivo de assumir o governo que estava vago e investigar a culpa de Balmaceda. Concluiu que este era culpado e mesmo contra a vontade do Vice-Rey se manteve ao lado dos *comuneros* e no governo da cidade. Foi quem promoveu a primeira expulsão dos Jesuítas de Assunção. Era homem culto e soube fazer bom uso das leis “del comun”. Foi posteriormente deposto pelo governador de Buenos Aires, mandado preso a Lima, onde foi julgado e executado.

<sup>8</sup> Martín de Barúa governou Assunção de 1725 a 1731, o mais longo período de governo durante os conflitos. Barúa conseguiu relacionar-se razoavelmente bem com os revoltosos, tendo sido deposto quando o movimento se acirrou e os milicianos rurais assumiram o comando.

<sup>9</sup> Mompox tornou-se líder dos *Comuneros* em Assunção após ter sido companheiro de cela de Antequera, em Lima. Os jesuítas atribuem a ele o recrudescimento do movimento, inclusive, por sua expansão às áreas rurais.



forma, se aproxima daquela que marca a tragédia de Sófocles. Os conflitos se deram em decorrência das restrições da autonomia política previstas pelas novas orientações político-administrativas determinadas pelos antecedentes das chamadas “Reformas Bourbônicas”. Os *comuneros*, inicialmente respaldados pelo *Cabildo* e pela Audiência de Charcas, invocaram uma antiga legislação, a lei “*del Comum*”. O embate surgido entre a legislação do Estado bourbônico centralizado e a antiga jurisprudência acabou determinando uma versão platina da disputa entre direito natural e direito positivo própria da tragédia clássica. De acordo com a documentação jesuítica, a paixão, especialmente sob a forma de ódio, esteve presente e foi o motor dos conflitos que ocorreram. Agigantado pela ausência de razão, o ódio-paixão foi o fio condutor de toda a tragédia que teve como palco a região platina.

O conflito que se transformaria em tragédia, entretanto, tem raízes anteriores que podem ser encontradas, segundo Avellaneda, no fato de que “*las primeras reducciones jesuitas fueron formadas con indios de encomiendas de los pueblos o doctrinas fundados por los españoles (...)*”(AVELLANEDA, 2007, p.148). Os moradores de Assunção, portanto, nunca aceitaram o fato de não poderem contar com a mão de obra indígena, o que consideravam um direito seu. A documentação jesuítica corrobora essa versão, ao afirmar que “*durante todo este tiempo aspiraban los habitantes de esta ciudad a una injusta servidumbre de parte de los indios, que se llama “servicio personal”*” (entre aspas aqui, mas em itálico na carta) (C.A 1720-1730, p.48).

Esse ódio, identificado, muitas vezes, como sinônimo de paixão na documentação jesuítica, parece ter garantido que o embate entre *comuneros* e jesuítas se estendesse por muito tempo. De acordo com os inacianos, no entanto, este ódio era infundado e resultava do fato de alguns terem se “*dejado arrastrar, por una ciega pasión, hablando mal antes de los nuestros y tratándoles mal*” (C.A., 1735-1743, p.179). Portanto, segundo eles, a verdadeira razão para estarem lutando para impedir que os índios fossem colocados a serviço dos *asuncenos*, segundo os padres, era que estes “*Llevan muy a mal los nuevos cristianos tal servidumbre molesta, por la cual piden de ellos los europeos ciertos servicios serviles y laboriosos, muy aborrecidos por ellos por su gran amor a la libertad*” (C.A., 1720-1730, p.48)

Para investigar as queixas existentes contra o Governador Balmaceda, foi enviado à Assunção o procurador da Audiência de Charca, D. José de Antequera y Castro, na qualidade de *Juiz Pesquisador*. Os resultados da investigação acabaram por apontar a responsabilidade do



Governador e Antequera então “*lo encarcela y asume el gobierno de la Provincia*”. Os jesuítas, por sua vez, “*apoyan el accionar del gobernador depuesto y logran que el Virrey ordene su restitución, la que es resistida por los asuncenos*” ( AVELLANEDA, 2007, p.146).

Um complexo e intrincado enredo se desenvolverá a partir de então. Algumas atitudes concretas foram tomadas, como a de apoio dos jesuítas ao Governado Reyes Balmaceda, empenhado em retomar seu cargo. Outras ações, um tanto quanto obscuras, resultaram na fuga do Governador deposto – após oito meses de prisão – e sua chegada a Buenos Aires, de onde pôde fazer os arranjos políticos e jurídicos necessários a sua restituição ao cargo. A documentação jesuítica registrou este fato, informando que nisso “*apoyóle en realidad El Virrey, y decretó la restitución a su cargo (...)*”(C. A., 1720-1730, p. 50)

Se até aqui, no primeiro ato desta tragédia, a paixão protagonista foi o ódio – tão presente na relação entre *asuncenos* e jesuítas – quando o epílogo do primeiro ato se aproxima, esta paixão alcança seu ápice em uma cena de intensa força e sensibilidade, a primeira expulsão dos jesuítas do Colégio de Assunção. Os *comuneros*, tomados pela paixão do ódio, segundo descrição do padre jesuíta, “*tan grande era la excitación de los ánimos*”, que nem mesmo a ameaça das mais “*terribles censuras y reservaciones eclesiásticas*”, os demoveu da decisão de expulsar os jesuítas do Colégio. A ação que seguiria seria marcada pelos excessos típicos da paixão: parte dos *asuncenos*, liderados por Antequera, deram um prazo de “*dos o tres horas*” para que os inicianos abandonassem o Colégio. Se os padres resistissem “*haria bombardear templo y colegio, para sepultarlos bajo las ruínas*”. Não restava outra atitude a não ser a que tomaram os jesuítas: “*cedieron a la violencia, viendo que en tal perturbación de los ánimos no sacarían nada con oponerse (...)*”(C.A. 1720-1730, p.57). Ao protagonizar esta última cena, o ódio/paixão se fez perceber também já fora da cidade, na atitude da “*soldadesca rebelde alli estacionada*” que os receberam “*con insultos y sibildos*” (C.A 1720-1730, p.58). A percepção dos jesuítas do ódio de que foram alvo, e do sofrimento que lhes foi imposto durante seu processo de expulsão, foi tão intensa que o compararam a própria *via crucis* – parte fundamental da **Paixão** de Cristo (C.A 1720-1730, p.57,58). Ao chegarem às missões, os Padres utilizando-se de muitos recursos retóricos, não se furtaram a relatar todo seu sofrimento, o que acabou por mover a paixão dos ouvintes em direção ao ódio, o que seria fundamental para a motivação dos exércitos Guarani contra o *inimigo comunero*. Não é difícil supor, portanto, que no imaginário jesuíta, o pecado



cometido por Antequera e pelos moradores de Assunção deveria, necessariamente, ser purgado, e que os instrumentos de penitência – usualmente empregados para tal fim – bem poderiam ser as armas das milícias guaranis. A paixão, o ódio, portanto, pelo que revela a documentação, foi vivida intensamente pelos dois lados envolvidos no conflito.

Quando as tropas se posicionaram diante de Assunção, os jesuítas perceberam que o enfrentamento através do uso das armas era a única saída possível “*para cumplir con las órdenes del Virrey y defender sus reducciones, su Colegio, y sus haciendas de un enemigo tan obstinado. En la intimidad estaban convencidos de la fuerza superior de sus milicias y subestimaban el valor de sus enemigos*” (AVELLANEDA, 2007, p. 152). Para tanto, Avellaneda se apóia em carta enviada pelo padre da Missão de Santa Rosa ao Coronel Garcia Ros, em 11 de agosto de 1724, e arquivada no Arquivo General de Asunción, na qual ele aconselha que para manter os indígenas ocupados e mobilizados para a batalha “*es necesario dar un asalto a la habitación de los principales para mantener el fervor de la guerra, coger algunas armas del enemigo, ropa, caballos, armas*”. Na mesma carta, fica bem evidente uma visão triunfalista, orgulhosa até, pois segundo o padre, não havia razão para temer o conflito, já que “*(...) cada índio vale por muchos paraguayos porque estos son soldados y aquellos no saben que es pelear (...) sí ellos hacen campo serán carnaza para los cuervos aun ellos se podrán en cobro*” (A.G.A.,1724, p.91).

Os fatos ocorridos no campo de batalha, entretanto, parecem ter efetivamente surpreendido os inacionos. Segundo o relato do padre Lozano, a movimentação teria sido encarada pelos Guarani não uma ação militar, mas uma comemoração pela festa de São Luiz – sem o consentimento do Coronel García Ros – utilizando, para tanto, de formações militares, bandeiras e armas<sup>10</sup>. Informados de uma movimentação e avanço das milícias guaranis, os *asuncenos* teriam optado por um forte ataque-surpresa, sem dar tempo ao exército leal ao Vice-Rei para reagir. Isto parece ser reforçado pelas informações de que o comandante teria acabado de almoçar e que os soldados espanhóis dormiam a *siesta*. O certo é que, os *comuneros* tomaram a movimentação como uma ação ofensiva, e (re) agiram violentamente. O exército das forças legalistas – pego de surpresa como foi dito – acabou sofrendo muitas baixas, o Coronel García Ros abandonou o campo de batalha em fuga, assim como seu Estado Maior. Houve numerosas

<sup>10</sup> Conforme LOZANO, 1905, p. 193.



baixas entre os Guarani, e, conforme a documentação do *Cabildo* de Assunção, cerca de 150 indígenas foram feitos escravos.

Os *asuncenos*, liderados por Antequera, não satisfeitos, ainda tentariam cumprir o seu maior desejo, há muito denunciado pelos jesuítas, de invadir as reduções e fazer com que os índios fossem “*desaforados a sus pueblos y sujetos a servidumbre perpetua de los españoles*” (A.G.A. apud AVELLANEDA, 2007, p. 156) . A motivação, entretanto, não parecia ser só de ordem econômica. O ódio presente há tanto tempo nas relações *asuncenos*-jesuítas-guaranis, devia ser saciado e aplacado. O desejo de vingança dos *asuncenos*, entretanto, não pôde ser saciado. O exército rebelde, entrou nas reduções de Nra. Sra. de la Fé e de de Santa Rosa, mas as encontrou vazias, pois índios e padres haviam se refugiado nos montes. O primeiro ato terminava sem que nenhum dos dois lados saísse vencedor, os jesuítas, expropriados de seus bens e privados do exercício de suas atividades em Assunção, haviam, junto com suas milícias Guarani, sofrido uma grande derrota militar diante dos *asuncenos*, sem poderem fazer cumprir o mandato do Vice-Rei. Os paraguaios, por sua vez, liderados por Antequera, ainda que vitoriosos no campo de batalha, não puderam escravizar e submeter a mão de obra indígena das reduções próximas, nem tão pouco satisfazer seu “ódio quase hereditário” contra jesuítas e indígenas. O ódio, assim, continuava a crescer e adquiria novas nuances a cada nova cena da “tragédia” *comunera*.

O Vice-Rei, informado do acontecido, deu ordens ao Governador de Buenos Aires para que intervisse e solucionasse o conflito. Bruno Mauricio de Zavala, respaldado por um exército de 6000 índios Guarani – que não chegaram a guerrear – entrou em Assunção e de forma pacífica restabeleceu a ordem. Para tanto, nomeou como Governador a Martín de Barúa, um nome de consenso. Antequera foi preso e mandado para Lima, onde, pessoalmente, assumiu sua defesa. Posteriormente, seria condenado à morte, como punição exemplar para que não houvessem outras insubordinações à autoridade do Vice-Rei. O primeiro ato, finalmente, chegava ao fim, mas não a “tragédia”.

O segundo ato se deu durante o governo de Martín de Barúa (1725-1731). Este não seria marcado por atos de violência explícita, mas pela fermentação do antigo ódio através de batalhas judiciais, intrigas e jogos políticos. De um lado, os *comuneros* se empenharam em justificar suas atitudes e minimizar suas punições e em impedir a volta dos padres Jesuítas a Assunção. De outro, os jesuítas, temerosos de novas tentativas de invasão das reduções, procuraram sair de



baixo da jurisdição de Assunção, e, para tanto, recorreram a instâncias legais e usaram de toda sua influência. Acabaram conquistando uma vitória jurídica, que depois de muitos anos de instabilidade e de medo, acreditavam os jesuítas, possibilitaria aos índios das reduções tornarem-se livres das ameaças dos *asuncenos*.

Entretanto, a Cédula Real traria outras conseqüências, já que de *“hecho retraía la frontera de la provincia al sur del río Tebicuary, junto con los nuevos gravámenes punitivos impuestos al comercio de Paraguay para financiar la defensa del puerto de Santa Fe, profundizaron, aún más, las tensiones”* (AVELLANEDA; QUARLERI, 2007, p. 117). As punições impostas aos rebeldes, somadas ao fim da possibilidade de obter farta mão de obra indígena para suas propriedades, acabaram por alimentar ainda mais ódio – já existente – dos *comuneros* pelos jesuítas.

Os jesuítas, mais uma vez, demonstraram que sabiam fazer uso das normas, decisões judiciais e de sua influência. Diante da irredutível posição do *Cabildo* de Assunção em aceitar a volta dos inicianos ao seu Colégio, fizeram saber ao Vice- Rei de mais esta “afronta” à Companhia. De Lima, o Vice-Rei se disse surpreso com a não reintegração dos jesuítas, e constatava que isto, com certeza, era *“consecuencia de las intrigas de alguns malévolos habitantes, y los cuales obcecados por la pasión, pretenden impossibilitar aquella justa satisfacción”*(grifo meu) ( C.A., 1720-1730, p. 62). Interessante notar que neste documento oficial, o Vice-Rei não só reconhecia as ações do jogo político que tentavam retardar o cumprimento de suas ordens, mas as justificava como sendo conseqüência da paixão. O ódio, como paixão, portanto, não só teria produzido ações violentas e impensadas, como teria determinado o uso de estratégias próprias do jogo político e do qual teriam resultado as intrigas. Por outro lado, a paixão era responsabilizada por promover um comportamento obsessivo que cegava a todos e impedia o cumprimento da lei.

Diante da recusa dos *comuneros*, o Vice- Rei ameaçou com o uso da violência oficial. Em 3 de setembro de 1727, ele decretava que caso suas ordens não fossem cumpridas, qualquer liderança político-administrativa de Assunção poderia se *“considerar depuesto de su oficio, cualquiera que había sido el cargo que desempeñaba, que sus bienes serían secuestrados, y que su persona publica e privada, cargada de cadenas, sería deportada a Lima”* (C.A, 1720-1730, p.



63). Diante dessa última ameaça, os *comuneros* aceitaram a volta dos jesuítas ao Colégio de Assunção, marcada para a data de 18 de fevereiro de 1728.

O fato de os *comuneros* terem aceitado, ou melhor, terem sido obrigados a aceitar que os jesuítas voltassem a Assunção não significou, entretanto, que mudariam seu comportamento em relação a eles, ou que seu ódio tivesse acabado. Segundo Alícia Pioli, “renovaram-se as calúnias, as vexações e os Padres foram acusados até de cometer crimes.”, sobretudo, “com a aparição de um panfleto cheio de injúrias aos jesuítas” (PIOLI, 2002, p.167), que teria causado grandes provações aos Padres, sendo “*indecible, cuanto hicieron sufrir a los nuestros por innumerables vejaciones y calumnias*”, a ponto de serem os inacianos chamados de “*traidores de la patria*”.

Após a volta dos jesuítas a Assunção, os ânimos se acirraram novamente. O terceiro ato se iniciaria com o cumprimento da decisão tomada pelo *Cabildo* aberto: os jesuítas deveriam ser expulsos. Por mais incrível que possa parecer, neste momento, os jesuítas devem ter sentido falta de seu grande inimigo José de Antequera que havia garantido a imunidade religiosa aos jesuítas. Preso em Lima, ele não mais podia instruir juridicamente os *comuneros* liderados, agora, por Mompox – “*confidente y compañero de celda de Antequera*” – que “*reavivó la lucha por el bien común y la extendió al ámbito de la campaña y los presidios*” (AVELLANEDA; QUARLERI, 2007, p.116).

Além disso, o *Cabildo* secular havia sido deposto de suas funções administrativas por uma Junta de Governo formada pelos Capitães das milícias *comuneras*. Os ânimos estavam mais acirrados que nunca. Se antes, os xingamentos e assobios nas ruas eram endereçados somente aos jesuítas, agora até o representante do Bispo – que tentava ponderar com a multidão enfurecida – era alvo de “*sibilos e injurias*” dos “*mais atrevidos de todos los mortales*” (C.A., 1730-1735, p.41).

O relato da segunda expulsão dos jesuítas de Assunção não apresentará os mesmos jogos retóricos que caracterizaram o primeiro. Se antes, o recurso retórico/literário construiu uma “uma paixão jesuítica” – um sofrimento vivido em estações como na Paixão de Cristo –, a violência e o furor dos moradores que caracterizaram a segunda expulsão parecem brotar das páginas da *Ánua* e tomar vida própria. O relato transcrito a seguir tem por objetivo estabelecer uma comparação com o primeiro relato e identificar semelhanças e diferenças:

Estaba a la sazón cerradas las puertas de nuestra iglesia y se habían juntado en ellas nuestros, para aplacar la ira de Dios, por medio de sus súplicas, cuando



de repente llegó a sus oídos la gritería de la gente que se acercaba al colegio, haciendo aquellos esfuerzos para abrirse entrada por fuerza. Cayó destrozada la puerta, y ellos, fuera de sí de furor, entraran a tropel, desparramándose por toda la casa, amenazando que iban a matar a los Padres. Los llenaron de insultos de toda la clase. Sacároslos por fuerza e ignominiosamente de su hogar, trasladándolos bajo escolta de unos forajidos al otro lado del río tebicuarí unas cuarenta leguas distante (C.A., 1730- 1735, p.42,43).

O que se pode inferir desse intenso início do terceiro ato é que, provavelmente, este tenha sido o início do momento mais intenso do governo das paixões<sup>11</sup> de toda essa “tragédia”, um tempo em que “*se cometerán muchos excesos*” (AVELLANEDA, 2007, p.147). Mesmo Avellaneda, que baseou seus estudos sobre a Revolução dos *comuneros* em uma proposta de revisão historiográfica, cotejando a documentação produzida pelos próprios *comuneros* com a versão produzida pela historiografia jesuíta<sup>12</sup>, concorda que este foi um tempo de grande convulsão social. A historiadora reconhece que “*los últimos tres años fueron de descontrol social, subversión del orden establecido en el que se cometieron muchos excesos contra la autoridad Real y contra los bienes de los vecinos alineados en el bando opuesto*” (AVELLANEDA, 2007, p.159). O movimento, segundo ela, teria se estendido também “*al ámbito rural*”, nele encontrando espaço favorável para se desenvolver, principalmente, após a “*muerte a um gobernador enviado por el Virrey*”, que implicou a nomeação do Bispo de Buenos Aires para o cargo.

Se antes o movimento *comunero* tinha a cidade como base para o exercício do poder e da administração – representada pelo Juiz-Governador Antequera, e o Cabildo Secular era a instância legislativa, nesse segundo momento, em que o Cabildo secular é deposto de suas funções administrativas e o Governador enviado pelo Vice-Rei havia sido morto, quem assumiu o poder, de fato, foram os líderes das milícias rurais. O campo como sabido, era considerado um espaço de “ignorância” pelos grupos “ilustrados urbanos” (ROMERO, 2004, p.212) e a figura do caudilho, tipicamente rural, se fazia presente como ator protagonista desde os tempos de Antequera. A constatação de que o movimento se estendeu da cidade para o campo – feita por Avellaneda – talvez se deva ao tipo de documentação que ela consultou, as atas do *Cabildo*

<sup>11</sup> Retomo aqui a citação inicial deste artigo, na qual o jesuíta descreve o tempo do governo dos *comuneros* como “un tiempo en la cuál solo triunfó la insolencia, tiranía, pasión y venganza.(...)” C.A .,1735-1743, p.323.

<sup>12</sup> Cabe ressaltar que Avellaneda se deteve nas obras de Lozano e Pastells, não considerando as Cartas Anuas sobre as quais me detive neste artigo.



secular de Assunção. Deve-se ter presente que os *cabildantes* haviam sido depostos de sua condição de liderança e de baluarte da defesa da legislação “*del común*”, o que pode tê-los levado a responsabilizar os chefes das milícias rurais – tão necessários no campo de batalha para a obtenção da vitória contra os Guarani – pela situação de caos social que havia se estabelecido em Assunção.

Creio que o erro cometido pelos *comuneros* ilustrados, talvez tenha sido o de pensarem que podiam suscitar as paixões e, depois, dominá-las e direcioná-las, conforme sua necessidade, numa prática “astuta ou maquiaveliana” que pretendia “transformar as paixões em forças civilizatórias, graças à “astúcia da razão” (CHAUÍ. *In*: CARDOSO, 2002, p. 44). Se os jesuítas estavam corretos, e a paixão produzia cegueira e ódio, o que pode – de fato – ter acontecido é aquilo que se denomina de “razão louca” e que se dá, conforme Rouanet, quando “a razão, interagindo com a paixão, deixa-se influenciar por ela, perdendo a objetividade necessária ao conhecimento e mergulhando na falsa consciência.” (ROUANET *In*: CARDOSO, 2002, p. 451) O caos social vigente em Assunção não teria – nesta perspectiva de análise – sido causado pela forma “bárbara de ser” dos comandantes das milícias rurais que haviam tomado o poder, mas conseqüência natural da estratégia adotada pelos *comuneros* de tentarem fazer uso da paixão como se esta pudesse ser manipulada e dominada.

O caos social em Assunção teria durado, pelos menos, três anos após a segunda expulsão dos jesuítas do Colégio de Assunção. No terceiro ato dessa “tragedia” se “*produjeron fracturas al interior del movimiento por el incremento de la violencia con el asesinato del gobernador Ruiloba y el acaparamiento de encomiendas y bienes por el descontrol reinante*” (AVELLANEDA; QUARLERI, 2007, p. 116). Mantida a oposição à autoridade do Vice-Rei – outros dois governadores haviam sido rejeitados anteriormente – “*al fines del 1733, dio lugar a un nuevo rearme general de las milicias de las reducciones y al breve levantamiento de los correntinos que simpatizaban con los comuneros*”. A situação em Assunção e arredores se tornou ainda mais crítica. A expansão e as divisões dentro do próprio movimento *comunero* geraram uma espécie de intra-violência, fazendo com que os desertores do movimento também fossem considerados, dali em diante, inimigos, e, portanto, passíveis das mesmas perseguições.

As conseqüências de uma administração governada pelas paixões, entretanto, não pararam por aí. Nesse terceiro ato da tragédia *comunera*, os índios Guarani e suas reduções acabaram



sendo, talvez, as maiores vítimas. Com a segunda expulsão dos jesuítas de Assunção, “*las reducciones se prepararon para resistir una posible invasión. Durante un año movilizaron 7000 guaraníes para hacer alarde de fuerza, controlar los pasos del río Tebicuary y ocupar una línea defensiva*”, o que acabou por manter “*entonces la ciudad de Asunción aislada y su comercio paralizado*” (AVELLANEDA; QUARLERI, 200, p.116). A reação teria se dado, segundo a documentação jesuítica, porque “*los Comuneros querían ocupar siete reducciones, o todas se podían y sujetar a los indios a la esclavitud y atrincherarse para que no pudieran entrar allí con fuerzas armadas los que quedaban fieles al rey*” (C.A., 1735-1743, p.343).

O fato é que, ainda durante o primeiro e segundo ano do cerco a Assunção, as reduções já haviam começado a sentir as conseqüências, “os efeitos foram desastrosos, já que não havia quem cultivasse a terra (...) a essa situação se incorporaram as fomes produzidas pelas secas e a falta de gado” (PIOLI, 2002, p.169). A “tragédia” que se abateu sobre as reduções fez com que “*se desparramaron los indios por todas las partes, vagando por los montes como frenéticos, para que juntamente com sus mujeres y niños, buscassen algo que comer*” (C.A 1735-1743, p.345), enquanto “outros fugiram aos povoados vizinhos (...) foram embora em balsas rio abaixo até os povoados de espanhóis (...) às estâncias onde estavam as vacas dos povoados das missões (...) originando brigas e mortes”. A “tragédia” comunera oferecia um cruel cenário para o último ato: “as missões florescentes de outrora, tinham se transformado em uma espécie de povoados fantasmas” (PIOLI, 2002, p.170).

Em Assunção, por sua vez, a deposição dos rebeldes e o restabelecimento de um governo leal ao Rei, não resolveu de todo a situação. Entretanto, parece que a memória dos anos de convulsão social, as dificuldades decorrentes dos anos de cerco à cidade e a entrada – sem qualquer resistência – do Governador de Buenos Aires na cidade, haviam trazido para muitos dos rebeldes, a sensação de que havia chegado o momento de desistir de sua luta. Quando o Governador de Buenos Aires “*se encargó personalmente en 1735 de juntar un ejército importante de leales para entrar en la Provincia y retomar el poder, (...) muchos comuneros de la primera hora se pasaron al bando realista*” (AVELLANEDA; QUARLERI, 2007, p.116).

Mas, afinal, que lugar ocupou a paixão nesta “tragédia”? Muito além da imagem recorrente de um nevoeiro que impediu que os homens enxergassem claramente e que permitiu que cometessem seus excessos, a paixão foi instrumento que alimentou as ações dos *comuneros*.



Mas não só deles. A paixão também moveu os jesuítas contra seus opositores. Posta no banco dos réus, ela foi duplamente condenada: pelos repentinamente arrependidos e pelos jesuítas reabilitados em seu prestígio e autoridade. Mesmo assumindo faces e usos distintos, ela jamais deixou de estar presente.

Não se conformando em viver esquecida numa cela fria da memória daqueles que haviam vivido aqueles tempos da primeira metade do século XVIII, a paixão mostraria sua vitalidade nos movimentos de Independência, no século XIX. O levante *comunero* voltaria travestido de *criollismo* e o sonho de autonomia, tão presente na luta pela independência, ganharia de novo o campo de batalha, pois “*la simple docilidad a las pasiones y la arrogante voluntad de dominio sobre ellas son complementarias, y ambas terminan por hacer la esclavitud todavia mas gravosa*” (BORDEI, 1995, p. 61). Mas isto já é uma outra história.

#### **FONTES**

Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay (C.A). **Años 1720-1730. Tradución de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, 1928. Tradução Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 1994.**

Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay (C.A). **Años 1735-1743. Tradución de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires, 1928. Tradução Digitada, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 1994.**

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARISTÓTELES. **A Política**. Trad. Nestor Silveira Chaves. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.

\_\_\_\_\_. **Retórica**. Trad. Antônio Tovar. Madri: Centro de Estudios Constitucionales, 1990.

AVELLANEDA, Mercedes. El recurso de la violencia como mecanismo de cambio social en la sociedad del Paraguay Colonial a principios del Siglo XVIII. **História UNISINOS**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Vol 11, n. 2 – mai/ago. p.145 – 159. 2007.

\_\_\_\_\_; QUARLERI, Lía. Las milicias guaraníes en el Paraguay y Río de la Plata: alcances y limitaciones (1649-1756). **Estudios Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXIII, n. 1. p. 109-132, junho 2007.

BORDEI, Remo. **Geometría de las pasiones**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.



- CERVEIRA, Luis Alexandre. **Paixões, transgressões e tragédias**: as missões populares urbanas e campestres (Província Jesuítica do Paraguai, primeira metade do século XVIII). 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/ São Leopoldo/RS. 2008
- CARDOSO, Sérgio. ( et al.) **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **Sentir, Adoecer e Morrer** – Sensibilidade e Devoção no Discurso Missionário Jesuítico do Século XVII. 1999. 353 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. 1999.
- LOZANO, P. S.J. 1905. **Historia de las Revoluciones de la Provincia del Paraguay**. Buenos Aires: Biblioteca de la Junta de Historia y Numismática, 1905. v. 1
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo, Martin Claret, 2002.
- MASSIMI, Marina; SILVA; Paulo José Carvalho da (org.). **Os olhos vêem pelo coração**, Conhecimento psicológico na história da cultura brasileira dos séculos XVI a XVII. Holos Editora-Fapesp: Ribeirão Preto/SP. 2001.
- PIOLI, Alicia Juliana. **O Colégio Jesuíta de Corrientes**. 2002. 238 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2002.
- PLATÃO, **O Banquete**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 1980.
- ROMERO, José Luis. **América Latina**: as cidades e as idéias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- ROUGEMONT, Denis de. **História do Amor no ocidente**: Ediouro, 2003.
- SÒFOCLES, **Antígona**. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- ZEN, Idinei Augusto. **As Missões Populares na Antiga Província Jesuítica do Paraguay**. 1995. 161f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 1995.

**Recebido em Julho de 2011**  
**Aprovado em Julho de 2011**